

## Entrevista com Guilherme Boulos

Daniel Golovaty

Psicanalista, participou do projeto Clínica Aberta na Casa do Povo

O Brasil vive atualmente uma crise política muito perigosa e de difícil superação. A eleição pelo voto direto de um governo de extrema-direita, que ameaça a democracia e ataca cotidianamente os direitos humanos põe uma questão difícil para a esquerda e para os movimentos democráticos de modo geral: como foi possível que um candidato notoriamente racista e misógino, com um discurso tão primitivo quanto violento fosse sufragado, após 13 anos de governos petistas, por grande parte da população pobre e trabalhadora? A resposta a esta difícil questão envolve certamente esferas políticas e sócio-econômicas, cuja racionalidade, sem dúvida, é preciso destrinchar. Entretanto, como alerta Guilherme Boulos, a esquerda - se quiser superar a crise em que se encontra -, não pode padecer da ilusão de que a razão e a mero equacionamento dos interesses econômicos em jogo teriam o condão de a tudo responder. A partir de seus estudos de psicanálise e de psicologia social, bem como de sua longa e rica experiência como militante de movimentos sociais, Boulos chama a atenção para as dimensões “irracionais” e afetivas implicadas na vida social e política. Buscando compreender tanto o adoecimento psíquico quanto a expansão do fundamentalismo religioso como, ao menos em parte, verdadeiros sintomas sociais, ele discorre nesta entrevista sobre questões e dimensões muitas vezes ignoradas por parte de setores da esquerda que pugnam pela transformação social e pela emancipação dos trabalhadores.

Entrevistadores: Daniel Golovaty e Walcir Previtale Bruno

Transcrição: Ciro Yoshiyasse

Revisão: Karina Oliveira Morais dos Santos

**Walcir Bruno:** Boa tarde a todos e todas, vamos iniciar a entrevista com o companheiro Guilherme Boulos e quem vai coordenar este debate é o Daniel Golovaty, psicanalista. Guilherme Boulos, também psicanalista, foi candidato à presidência em 2018 pelo PSOL e é coordenador do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). Eu sou Walcir Previtalo Bruno, sou bancário já há trinta e três anos e dirigente sindical da Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro e já vou passar a palavra ao Daniel Golovaty, que irá coordenar a entrevista nesta tarde de aprendizado para todos nós militantes.

**Daniel Golovaty:** Boa tarde e bem vindo Guilherme Boulos. Gostaria de começar pedindo que você falasse um pouco sobre a sua trajetória intelectual e como você chegou a psicanálise.

**Guilherme Boulos:** Olá Daniel, primeiramente boa tarde, eu queria cumprimentar e agradecer este espaço que vocês proporcionaram, porque essa interface entre a psicanálise e a militância, psicanálise e movimento social tem muito mais caldo a render do que até agora já foi explorado. Acho importante a gente tocar neste ponto, trazer estas questões porque tem coisa muito viva aí. A minha aproximação com o movimento social foi anterior a minha aproximação com a psicanálise, eu ainda muito jovem comecei a atuar no movimento estudantil secundarista, no grêmio estudantil, a ter algum tipo de militância, nessa época com quinze anos de idade já tinha uma certa empatia com o movimento popular. Uma das minhas primeiras memórias de militância que eu tenho foi organizar outros grêmios, arrecadação de alimentos para o Movimento Sem Terra (MST), isso em 1997... e depois disso tive um período de aproximação com a Juventude Comunista, um pouco também pela forma de como eu desenvolvi a minha trajetória de estudos, lendo Marx, aprendendo sobre o marxismo... foi rápida esta trajetória, porque uma das coisas que me incomodava muito na militância de esquerda, na militância partidária e que ainda hoje me incomoda - e isso não é uma coisa que está localizada em um partido ou outro, é meio que uma cultura de militância - é a incrível facilidade de como uma parte da militância e da direção de esquerda se coloca na condição de falar em nome do povo, falar em nome dos operários, dizer qual é o programa da revolução, dizer o que todo mundo tem que fazer, mas não ninguém se dispõe a estar lá para escutar. Uma militância meio alienada, uma militância flutuante que não ia na periferia, não ia pisar no barro, não ia escutar o povo, não ia lutar junto com as pessoas e isso foi começando a me incomodar e foi me aproximando ao movimento social. Inicialmente foi com o MST, mas por uma questão de solidariedade, não de militância, ia lá passar um tempo em ocupações, passei períodos em ocupações aqui no interior de São Paulo, em Itapeva, em outros lugares e, passando um pouquinho no tempo, foi em 2001 que o MTST entra aqui em São Paulo, na zona metropolitana de São Paulo em Guarulhos, com a ocupação Anita Garibaldi, e aí foi quando eu fui começando a me aproximar mais e então eu vi o potencial que havia naquelas ocupações gigantescas e isso me leva a, já em 2002, morar em uma ocupação em Osasco, na ocupação Carlos Lamarca. Bom, fui pra lá e estou a dezessete anos no movimento.

Agora, paralelamente a isso, o que me levou ao caminho da psicanálise foi a militância, de algum modo. Eu tinha lido alguma coisa de Freud, me interessava muito, mas era uma curiosidade só. Em 2002 eu passei um mês da Argentina, tinha acabado de acontecer o “Argentinação” no fim de 2001 o movimento Piqueteiro vai lá, junto com os paineleiros derrubam cinco presidentes em três meses, num processo de mobilização incrível e numa das coisas mais interessantes como movimento territorial urbano. O movimento Piqueteiro era uma coisa nova, não se organizava pelo local de trabalho, não era movimento sindical, era um movimento de desempregados organizados a partir da periferia que parou o país cortando rodovia, inviabilizou governos e eu fui para Buenos Aires passar um período, já estava com aproximação com o MTST e fui tentar ver aquilo de perto e num bairro da periferia de Buenos Aires, se não me engano era Solano, fui participar de umas atividades do movimento piqueteiro e eu presenciei um espaço que para mim foi muito marcante, que eles chamavam de “grupo de reflexão”. Era um grupo de psicanalistas lacanianos, que na Argentina tem muito, que foi ao movimento piqueteiro criar um espaço de escuta para as pessoas, para as pessoas falarem. E tinha acabado coincidentemente de acontecer um massacre que ficou conhecido como “massacre da ponte Pueyrredón”, onde foram assassinados dois militantes, vários feridos na época, pelo governo argentino. E eu a potência que tinha aquilo, era um grupo de umas trinta pessoas num barracão na periferia de Buenos Aires com uns três psicanalistas. Você via aquelas pessoas pela primeira vez tendo a oportunidade de falar sobre o seu sofrimento e como o sofrimento de um se encadeava com o sofrimento do outro e como aquilo foi gerando uma catarse coletiva. e a psicanálise se colocando a serviço disso! Quando eu vi aquilo eu pensei o quanto aquilo tinha uma coisa muito forte. Voltei e aí fui devorar livro de Freud, livros de psicanálise, fui começar a ler Lacan e depois fiz a formação psicanalítica, quis entrar nesta área.

**DG:** E como a psicanálise mudou a sua forma de ver a política e de fazer a política?

**GB:** Olha, uma coisa que a psicanálise ensina para a gente, um dos ensinamentos fortes da psicanálise é que a razão não explica tudo. As nossas motivações não são essencialmente racionais, pra fazer as coisas... Veja, eu vim de uma formação acadêmica, me formei em filosofia e a gente tem uma tendência, quando a gente vem deste lugar, de achar que a razão tem um papel incrível na história, que basta você ter razão. Se você tem razão, meu amigo, o resto é consequência. Você vai fazer conseguir fazer a revolução e, enfim... Mas a psicanálise coloca o jogo em outro lugar, a psicanálise nos mostra que as pessoas se movem por motivações que muitas vezes passam longe da racionalidade formal. Há motivações inconscientes, o ser humano tem uma complexidade inacreditável e isso, pelo menos para mim, ajudou muito na prática política concreta a ver a política de um outro lugar. A ver a relação humana, a ver a relação com as pessoas de um outro lugar. De um lugar mais tolerante, mais compreensivo do que se pensássemos apenas de um ponto de vista intelectual: viemos aqui trazer um programa e as pessoas vão se mover porque concordam com este programa... Não! Sabe, o movimento também, sobretudo a convivência com o movimento

me ensinou muito e nesse mesmo aspecto tem uma história: quando eu cheguei na ocupação, estava morando lá, cheguei lá com uma formação, Marx e tal... Eu tinha uma visão, hoje eu posso dizer, muito estreita do que é a religiosidade das pessoas e da importância que a religião e a fé tem na vida das pessoas e aí você chegava com aquela história de que a religião é o ópio do povo, de que a religião faz com que as pessoas esperem tudo de Deus e não façam o seu papel de luta, era com essa compreensão que eu chegava. Aí o pessoal me avisou que um padre, que era um padre progressista, ia lá na ocupação para fazer uma missa no domingo e eu dizia: “eu sou contra, padre não tem que ir, nós temos que politizar as pessoas, fazer formação, este padre vai fazer retroceder a consciência do povo etc...”, fiz o maior escarcéu, arrumei briga na coordenação para o padre não ir, criei um constrangimento e tal... O padre acabou indo mas ficou um climão do caramba! Uns dois ou três meses depois teve um problema, reintegração de posse, a polícia chegou lá, pancadaria e eu fui detido. Quando estava lá na delegacia quem é o cara que vai lá me visitar? O bendito padre! – “Oh Guilherme! Você está precisando de alguma coisa?” [risos].

Você entende? São coisas que a gente vai percebendo e a psicanálise me ajudou a ter esta sensibilidade que, sabe, não é “pão-pão, queijo-queijo”. Não dá para falar sobre as pessoas assim, você tem que conviver com as pessoas, as pessoas são contraditórias, as pessoas são ambivalentes, as pessoas tem motivações várias e se você quer mudar o mundo, você tem que estar aberto também para se transformar e não só se colocar numa condição superior de que você está certo e as pessoas estão erradas, como se você tivesse a verdade. E depois, e aí é um outro trajeto, mas uma coisa que foi me aproximando da psicanálise além da experiência que eu vi na Argentina e dela ter me dado o que pra mim foi uma ferramenta que me levou a lidar com as pessoas de uma outra maneira, foi ouvir os relatos de como as pessoas se curavam, como as pessoas relatavam melhora na forma como se sentiam por estar nos espaços de convivência que a ocupação proporciona. A primeira vez que eu ouvi isso eu fiquei meio desconfiado, nessa ocupação que eu vivia estava uma coordenadora que dizia: “Guilherme eu tomava Prozac todo dia, eu tomava Rivotril, eu tomava não sei o quê... Eu cheguei aqui e joguei tudo no lixo” e eu pensava “será que é isso aí mesmo? Será que ela não está fazendo uma média? O que é que é isso?”. O fato é que eu fui escutando este mesmo discurso de pessoas diferentes em todos os lugares que eu passava nas ocupações e isso me estimulou a tentar entender tudo isso e a psicanálise foi importante...

**DG:** Aí você fez uma tese de mestrado sobre a psicanálise com a experiência do MTST, estudando justamente os sintomas depressivos com o público do MTST. Eu queria que você falasse um pouco sobre a relação entre o vínculo social e o psíquico, a psicopatologia, como é que as coisas se unem tendo em vista, como você coloca na sua tese, alguns autores falam que estamos vivendo uma epidemia de depressão.

**GB:** De um sintoma social, sim... Olha, tem toda uma elaboração teórica que vem de longa data de entender a depressão não apenas através da relação infantil, que é onde a psicanálise vai buscar

explicações da convivência familiar ou, enfim, do ponto de vista psiquiátrico, que vai entender isso através de neurotransmissores e tal. A gente deve entender a depressão também como resultado da maneira como se organizam os vínculos sociais. Nós não podemos ignorar o fato de que nos últimos vinte anos os diagnósticos de depressão explodiram no mundo, nós não podemos ignorar o fato de que a depressão já está entre as principais causas de incapacitação para o trabalho no mundo. Eu não vi só no MTST, eu dei aula no ensino médio durante algum tempo numa escola em Embu das Artes, aula de filosofia, antes ainda de me formar. É impressionante o que eu vi, durante dois anos, de professores se afastando por depressão!

**DG:** É uma das profissões mais afetadas.

**GB:** Claro, por várias razões. Agora, tem um vínculo, que depois na minha tese, conversando com as pessoas ficou ainda mais claro, que é o vínculo da depressão com a solidão e o isolamento social. O que nós fizemos na tese...

**DG:** Era isso que eu ia perguntar, quais são as hipóteses que você defende na sua tese e que resultados principais você chegou?

**GB:** Eu vou chegar aí. O que me motivou a escrever a tese foram esses relatos nas ocupações de que as pessoas melhoraram... Como é que as pessoas melhoram? Quis ouvir essas pessoas. Então nós usamos um instrumento quantitativo combinado com uma metodologia qualitativa. Nós aplicamos alguns questionários chamados psiquiátricos: escala hospitalar de ansiedade e depressão, escala de solidão, escala de [ininteligível]... Bom, pra isso pegamos algumas ocupações novas aqui na cidade de São Paulo. Quando a pessoa entrava na ocupação e, voluntariamente, é óbvio, quem queria preencher: “ó, está sendo feita uma pesquisa e tal, você gostaria de preencher?”. A pessoa vai lá e responde o questionário. Foram uns trezentos que a gente fez, em várias ocupações. Depois de três meses a gente procurava a mesma pessoa para preencher o mesmo questionário e nós comparamos se tinha tido variação na relação social, na solidão, na depressão, na ansiedade... Teve uma variação impressionante que eu relato lá na minha tese! Depois nós selecionamos algumas pessoas, dez pessoas, que relataram uma variação muito grande de sintomas, uma melhora muito grande. Fiz uma entrevista com estas pessoas, sentei com elas durante uma hora e fiz umas perguntas num questionário fechado, para entender como elas viam este processo. Essa era a parte qualitativa de análise de discurso e pra mim uma coisa que percebia muito era o vínculo da depressão com a solidão. Isso tanto os questionários mostraram como o relato das pessoas. As pessoas têm uma ideia falsa e superficial de que quem está na cidade está no meio da multidão, está em todo lugar, não tem solidão. Pelo contrário, as pessoas nunca estiveram tão sozinhas no meio da multidão! As pessoas estão num isolamento, ainda mais agora com *WhatsApp* e tal... É cada um vivendo e convivendo ali consigo mesmo e com os seus fantasmas.

Mas teve um segundo vínculo que pra mim foi forte, eu fui buscar interpreta isso também a partir do Jessé Souza, a partir do Zeca Moura com o conceito dele de humilhação social... Porque estamos falando de pessoas que estavam numa situação precária e que foram para uma ocupação viver debaixo de um barraco de lona, certo? A classe social muito bem definida. Com a humilhação social, a humilhação familiar, o que estas pessoas sofreram também gerou depressão. Quando você soma desemprego, com desamparo, com abandono, com violência doméstica, com falta de alternativa, com falta dependência econômica...

**DG: Invisibilidade também**

**GB:** Invisibilidade! “Eu não sou ninguém, eu sou inútil, eu não sirvo para nada, eu sou invisível...”, o sentimento de inferioridade, o quanto uma determinada situação social... e que as vezes está ligada a moradia! Você está morando de favor na casa de alguém, tem que aguentar a humilhação, uma mulher ter que aguentar as arbitrariedades ou a violência física de um marido porque ela não tem onde morar, porque é ele que paga as contas. O quanto essa humilhação destrói subjetivamente das pessoas? A invisibilidade foi um aspecto que apareceu muito e eu fui depois ver nos textos do Zeca e o próprio Jessé também fala disso, que é a invisibilidade de classe, né? E racial também. O quanto pobre e preto no Brasil é tratado como subgente, invisível.

**DG: Na sua tese a questão racial não aparece muito de forma explícita, né?**

**GB:** Não aparece.

**DG: Como você vê? Existe a questão racial no MTST?**

**GB:** Então, pegando ainda um pouco neste gancho, veja, a questão racial no Brasil é uma questão social, é uma questão de classe. Em geral a pobreza é negra no Brasil, a periferia é negra no Brasil, a “regra” é essa, é óbvio que isso não é absoluto, mas a tendência é essa. Aquilo que o Zeca fala, ele dá um exemplo de um caso de um estudante, para estudar o fenômeno da invisibilidade, o cara que era um orientando dele, era um estudante da USP de psicologia, vai lá e se veste de gari e vai andar na faculdade como se ele estivesse varrendo onde ele estudava. Ele não foi reconhecido pelos colegas dele! Não é que ele não foi reconhecido, ele não foi visto. Veja, é um lugar de invisibilidade, as pessoas não olham, e neste lugar é óbvio que está a questão racial. É o lugar do elevador do serviço, é o lugar do quarto de empregada, é este o lugar de uma escravidão nunca superada no Brasil, de subcidadania, que tem um impacto psíquico devastador.

E o que estas pessoas relatavam é que no movimento... Veja, não é o movimento em si, porque senão fica quase uma caricatura, “o movimento cura a depressão”, fica uma coisa meio patética, não é isso... É que pessoas que estavam isoladas, humilhadas, sem voz, de repente vão pra um lugar onde se reconstrói vínculos comunitários, vínculos de solidariedade, onde elas têm espaço, onde elas participam de algo maior, de um trabalho coletivo, onde elas têm voz, onde elas são

importantes. É isso! Isso reconstrói! Isso recupera e isso que eu pude ver nos discursos na minha tese.

**DG:** É interessante porque a gente vê também nas periferias, crescendo muito nas últimas décadas, o poder das igrejas pentecostais, que de certa forma ouvem, né? É isso que você está colocando e muitas vezes a esquerda não ouve... Como você vê o crescimento destas igrejas? E o que a esquerda tem a ver com isso?

**GB:** Essas igrejas ocuparam o espaço que a esquerda deixou vazio e essas igrejas hoje têm muito a ensinar pra esquerda brasileira, do ponto de vista de método. É claro, as pessoas dizem: “ah, mas as Igrejas evangélicas ajudaram a eleger o Bolsonaro...”, isso é verdade, é uma base de apoio importante do Bolsonaro mas, primeiro, nós temos que nos perguntar o porquê, antes de apontar o dedo. Não podemos cometer o erro de julgar os trinta, quarenta, cinquenta milhões de evangélicos brasileiros pela régua do Edir Macedo, pela régua do Silas Malafaia, pela régua do pastor Waldomiro, né? A base do MTST é evangélica, faz uma pesquisa aí, eu duvido que seja menor do que 50% de evangélicos neopentecostais. Então, o que eu acho que as igrejas fizeram? Tem uma companheira que é do MTST, da coordenação do movimento, que outro dia estava me contando que ela está na igreja há uns vinte anos. Por que que ela vai pra igreja? O que a igreja significa pra ela? E ela resumiu isso num relato muito simples, ela disse: “nunca na minha vida” – e ela tem sessenta e poucos anos de idade – “...nunca na minha vida tinham lembrado do dia do meu aniversário. Quando eu entrei na Igreja, no primeiro ano teve festa, teve bolo, teve uma homenagem...”

**DG:** Teve acolhimento...

**GB:** Isso! É o acolhimento, é a solidariedade, as pessoas se sentirem alguém, se sentirem lembradas, se sentirem reconhecidas. Muitas vezes os espaços da esquerda são parte das coisas mais frias e chatas que têm, sabe? As pessoas vão e não querem voltar, as pessoas vão e não se sentem bem, as pessoas vão e não se sentem acolhidas... É óbvio que elas não vão estar no espaço da esquerda, vão estar na Igreja. Você vai onde você se sente bem.

**WB:** Ou no sindicato...

**GB:** Ou no sindicato, nos movimentos... Os espaços de militância muitas vezes não são acolhedores como deveriam ser e a esquerda acolhe? Não é só o culto, é a banda da igreja que o filho vai no domingo, é o grupo da igreja que vai ajudar os outros, é a turma que vai lá bater de porta em porta... Cara, você cria um vínculo afetivo, de acolhimento, de solidariedade com as pessoas, que é extremamente poderoso e que hoje é um dos desafios da esquerda brasileira. Eu tenho já batido muito nesta tecla já algum tempo e acho que a prática do MTST nos coloca já num lugar que nos autoriza a dar um puxão de orelha e estar lembrando isso a toda hora, de que,

se a esquerda brasileira não retomar um trabalho de base nesse sentido, veja, não é só de chegar lá e querer doutrinar e dizer suas verdades... Se não criar estes espaços de acolhimento, se não estar lá, a esquerda brasileira não vai ser alternativa de poder neste país. Nós perdemos as maiorias sociais, nós só vamos recuperar as maiorias sociais se nós construirmos um método e estar lá, presente. Pisar no barro, ir lá, voltar a fazer o que foi feito a trinta, quarenta anos atrás e que se perdeu, se deixou de fazer... Então as igrejas evangélicas, nesse sentido, por incrível que pareça, têm muito a ensinar para a esquerda brasileira.

**DG:** Sim mas, por outro lado, as igrejas oferecem uma coisa que a psicanálise e a esquerda talvez tenham mais dificuldade de oferecer, um grande “outro” que existe “de verdade”, que te ama e que te dá todas as orientações. Quer dizer, existe um sacrifício da autonomia quando a pessoa busca uma igreja. Ela ganha muita coisa mas, de certa forma, ela segue as orientações da igreja. Qual é a diferença, então, tendo em vista todas as questões que você falou, mas levando em consideração também a questão democrática ou, em termos lacanianos, a questão da castração simbólica?

**GB:** Eu acho que a grande diferença – e eu escrevi isto na minha tese, eu fiz uma comparação com as Igrejas evangélicas que também produzem este tipo de sentimento nas pessoas, também produzem um sentimento de melhora e recuperação das pessoas, por esta razão do acolhimento – eu acho que a grande diferença está no empoderamento que o movimento social e que a militância social proporciona. A igreja não te leva a ação, a igreja te dá um conforto, te dá um consolo, te dá um espaço de convivência. O movimento te dá um horizonte. A luta te dá um caminho que você faz parte e que você é ativo, que você tem voz, você é protagonista do processo, você não vai dizer somente amém, a ocupação e o movimento proporcionam isso, você é parte da luta, você é parte da assembleia, a sua presença importa, a sua participação importa, então você tem um processo de responsabilização da pessoa que, na relação com a igreja, que é uma relação psiquicamente mais primária a isso, não está colocado. Mas eu queria fazer uma ponderação: eu desconheço qualquer processo revolucionário de esquerda na América Latina que não teve um componente de religiosidade, essa separação não é absoluta. O nosso povo tem a religiosidade incorporada em si, chegar lá com os manuscritos, a sagrada família, “a religião é o ópio do povo”, chegar lá com “o futuro de uma ilusão” do Freud, dizer “isso aqui na verdade é a imagem do seu pai e não sei o quê”, na minha opinião, não resolve os dilemas organizativos que nós temos pra lidar com o nosso povo. Eu acho que, óbvio, nós temos que operar neste registro de uma castração simbólica e isso significa transferir poder às pessoas, transferir responsabilidade às pessoas pela sua própria história e pelo seu próprio destino, isso a igreja nunca vai fazer.

Agora, nós também temos que partir do fato de que a religiosidade e a fé são fenômenos fundamentais em qualquer transformação social e acho que a Teologia da Libertação, o que ela significa, o que ela representa e o que ela deixou de lição pra nós, segue sendo muito atual.



WB: Eu dei uma olhada na sua tese e algo que aparece muito é essa questão do acolhimento e nós estamos fazendo essa entrevista numa casa dos trabalhadores, aqui é uma confederação sindical dos trabalhadores bancários e bancárias, né? E acho que este é um dos grandes desafios: como é que a gente acolhe? Porque não só hoje, mas do ponto de vista histórico, nós estamos vivendo uma grande desagregação social, as pessoas estão desempregadas, a gente sai pelas ruas e a gente vê muita gente perambulando pelas ruas, então essa questão do acolhimento junto as entidades sindicais, partidos políticos e o próprio Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, o MST... a gente faz um trabalho e este trabalho é pra acolher essas pessoas. Eu pude ler a sua tese e vi alguns exageros da imprensa colocando que o MTST curava a depressão e você está explicando pra gente aqui como é esse trabalho. Só fazendo um paralelo com o movimento sindical, nós tivemos uma experiência aqui em São Paulo de fazer um grupo de trabalhadores adoecidos no sistema bancário, adoecidos pelos bancos. Conseguimos juntar em 2007 até mais ou menos 2014 e foi uma coisa muito interessante também essa questão do acolhimento... Era um grupo vivo, a gente marcava reuniões pra conversar com esses trabalhadores, mas também no sentido de fazer o empoderamento pra ver como este trabalhador enfrenta o banco, uma perícia da previdência social, porque este fenômeno do adoecimento dos trabalhadores também causava isso... Recebia trabalhadores reclamando da questão, se culpando pelo adoecimento, a família não entendia o adoecimento, então essa pessoa caía em depressão, isolada. Dá pra gente fazer um paralelo nessa questão dos desafios do próximo período, como a gente abraça essa questão sem, com você colocou no início, sem nos tornarmos os donos da razão, sem sermos arrogantes, sem quereremos ser aquele que diz assim: “olha estou mostrando o caminho, e o caminho é este”, quando na verdade a gente tem que construir um caminho coletivo, inclusive inserindo as pessoa pra elas se sentirem pertencentes a alguma coisa. Hoje em dia a gente vê, parece que essa questão do pertencimento ou daquilo que é coletivo está totalmente, vamos dizer assim, “fora de moda” e a gente lutando pra travar saídas coletivas... Então dá pra gente fazer essa analogia com o movimento sindical. Como a gente abre as portas, como a gente atrai mais trabalhadores, inclusive tem um debate grande no movimento sindical de como a gente organiza os trabalhadores desempregados, os informais...

GB: Isto que nós estamos falando da ocupação, que a ocupação proporciona vínculos comunitários, vínculo de solidariedade, faz uma ruptura simbólica na vida das pessoas de uma coisa que se perdeu e recuperam ali... Tanto é que é muito comum, no MTST, o povo, os ocupantes, os militantes se referirem ao MTST como família, não é isso? Uma família, a “nova família”, então adquire um novo significado. Agora, isso também ocorre na greve, a greve é um momento também de encontro dos trabalhadores, de solidariedade, de luta comum... Os piquetes é o momento que este sentimento também tá ali, este mesmo sentimento do pertencimento, do acolhimento, da solidariedade, tá ali! Isso ocorreu nas ocupações de escolas, ocorre nos processos

coletivos de luta e de organização. Tem uma potência que se desperta como se fosse um romper de um dique e essa energia que estava presa, que estava deprimindo, essa energia se solta e se torna potência. Isso não é só nas ocupações, a gente precisa reconstruir esses processos e dar mais atenção pra esses processos e ao mesmo tempo acolher o sofrimento e a dor das pessoas. Você falou desse grupo de bancários adoecidos pelos bancos, eu acho fundamental! Nós construímos também no movimento um grupo de atendimento inspirado naquele da Argentina, é um grupo de reflexão, mas é um grupo de atendimento, é um grupo de psicanalistas, psicólogos de uma série de instituições que se juntaram e estão atuando na vila Nova Palestina, em uma ocupação da Zona Sul de São Paulo, fazendo atendimento tanto individual quanto coletivo. Nós precisamos olhar pra esse lado, na esquerda ainda tem um preconceito rústico em relação a isso, como se a pessoas não sentissem, não adoecessem, como se fosse uma coisa menor, secundária...

**WB:** Inclusive isso se volta pra dentro do movimento, né? A gente tem que tá todos os dias em pé, fazendo a luta, demonstrando uma firmeza, só que por dentro cada um sabe como é que tá. Teve o golpe, a prisão do Lula, eleição do Bolsonaro...

**GB:** Sabe pra onde nós estamos perdendo gente? Estamos perdendo militante pra a direita? Não! Estamos perdendo gente pra depressão, pro desânimo, pra a falta de perspectiva. Não estamos perdendo militante ideologicamente porque as pessoas estão indo para casa... Estamos perdendo gente pra depressão, se a gente não acordar pra isso e construir formas de acolher e dar espaço pra essas pessoas, não vai estancar.